



A amizade que **se fez disco**

Depois de mais de **cinco décadas como amigos e cúmplices musicais**, Roberto Menescal e Gilson Peranzetta **finalmente gravam um álbum juntos**. O encontro em estúdio, **que deveria ter acontecido há tempos**, nasceu de forma orgânica e gerou uma parceria inédita: **a composição 'Samba Impossível'**, que abre o disco e resume **a sintonia entre esses dois mestres de nossa música**. Pág. 2

Reunião dos talentos de Roberto Menescal e Gilson Peranzetta resulta num álbum elegante e classudo, da primeira à última nota

AFFONSO NUNES

Um disco classudo, da primeira à última nota. Este é “O Mundo Livre de Menesca & Peranza”. Depois de mais de cinco décadas convivendo nos mesmos estúdios e palcos, Roberto Menescal e Gilson Peranzetta finalmente gravaram um álbum juntos. O trabalho, lançado no fim da última semana nas plataformas digitais, será apresentado ao vivo no Blue Note São Paulo e no Blue Note Rio, nos dias 21 e 27 de junho, respectivamente.

A amizade entre os dois mestres começou nos anos 1970, quando Menescal era diretor artístico da Polygram no Brasil e Peranzetta trabalhava como produtor e pianista de Ivan Lins. Naquela época, o Brasil vivia um momento de efervescência musical: a bossa nova já havia conquistado o mundo, e uma nova geração de compositores e arranjadores buscava expandir as fronteiras da música brasileira. Menescal, que havia participado do lendário Concerto de Bossa Nova no Carnegie Hall em 1962 ao lado de Tom Jobim e João Gilberto, era uma figura central nesse contexto. Peranzetta, por sua vez, consolidava-se como um dos grandes arranjadores do país, trabalhando com Ivan Lins em álbuns que se tornaram referência, como “Modo Livre” e “Chama Acesa”.

A cumplicidade entre os dois vem de décadas. Menescal, inclusive, apadrinhava o primeiro LP gravado por Peranzetta, selando a admiração mútua e a confiança artística. Ao longo dos anos 1980, 1990 e 2000, os dois frequentemente cruzavam caminhos em projetos, mas nunca haviam dedicado um trabalho inteiro um ao outro. Até que, de forma orgânica, a oportunidade surgiu.

O projeto nasceu espontaneamente no Estúdio La Maison, no Rio de Janeiro, propriedade do produtor e baixista Didier Fernan. Fernan havia trabalhado separadamente com Menescal e Peranzetta em diversos projetos. Nos intervalos entre gravações, os dois frequentemente se encontravam no estúdio,



Gilson Peranzetta nos bastidores da gravação do primeiro álbum que os dois músicos gravaram juntos

A primeira vez a gente nunca esquece



conversando, tocando, compartilhando ideias. O carinho, a naturalidade e a sintonia desses encontros não passaram despercebidos. Didier então idealizou um projeto que reunisse os dois mestres em um álbum. A proposta foi aceita com entusiasmo. “Foi uma experiência fantástica, fiquei feliz em gravar e produzir es-

“Não tem mais gravadoras, mas eu continuo produzindo discos... estou muito ligado nas pessoas que vêm com vontade de fazer...”

ROBERTO MENESCAL

ses dois ícones da música brasileira”, comemorou Fernan.

O disco reúne nove faixas que refletem a trajetória artística de ambos. Quatro composições são de Roberto Menescal, incluindo “Agarradinhos” (em parceria com Rosalia De Souza) e “Obsession” (com Dori Caymmi). Quatro são de Gilson Peranzetta. E há uma parceria inédita da dupla: “Samba Impossível”, composta especialmente para este projeto e que abre o álbum. “O Gilson fez a primeira parte aí o Menescal falou assim mas isso é impossível. Aí ele fez a segunda e ele batizou de samba impossível”, conta Didier Fernan. A tampa fecha com uma versão cheia de improvisos para o tema instrumental de “Bye Bye, Brasil”, parceria de Menescal com

Chico Buarque.

“Não tem mais gravadoras, mas eu continuo produzindo discos... estou muito ligado nas pessoas que vêm com vontade de fazer...”, comenta Menescal que, aos 88 anos, continua ativo e produtivo. Nos últimos anos, lançou “Nós e o Mar” (2023), “O Lado B da Bossa” (2025) e “Bossa Sempre Nova” (2026). Ele segue compondo, apresentando-se frequentemente e recebendo pesquisadores e jornalistas interessados em sua perspectiva sobre a história da bossa nova. É o último sobrevivente do elenco original daquele Concerto de 1962 — um testemunho vivo de uma era que transformou a música brasileira. E no próximo ano lançará um álbum reunindo canções feitas com seu mais novo parceiro, o canto e compositor Theo Bial, de 28 anos.

Peranzetta, que completou 80 anos em abril (celebrados com um concerto especial no Jardim Botânico), é uma figura menos visível ao grande público, mas absolutamente central na MPB. Suas composições foram gravadas por mais de 200 artistas no Brasil e no exterior. Trabalhou com nomes como Milton Nascimento, Egberto Gismonti, Luiz Eça, Gal Costa, Nana Caymmi, Gonzaguinha e Leny Andrade. Sua parceria com Ivan Lins, iniciada nos anos 1970, resultou em álbuns memoráveis.

A gravação, mixagem e masterização de “O Mundo Livre de Menesca & Peranza” ocorreram no La Maison e a formação do disco inclui Didier Fernan no baixo e Ricardo Costa na bateria — dois músicos que completam a sonoridade do projeto com precisão e sensibilidade.

Arte, CONSCIÊNCIA AMBIENTAL e inclusão

‘Alumbramentos’, do Grupo Moitará, une teatro, pintura e acessibilidade no CCBB

Quando uma fábrica chega a um vilarejo ribeirinho, ela não apenas transforma a paisagem.

Corrói identidades, silencia vozes, reduz um modo de existência a escombros. É essa memória estilhaçada que o espetáculo “Alumbramentos”, dirigido por Erika Retzl, resgata a partir de fragmentos — restos de sonhos, gestos e histórias de uma comunidade atravessada por desastre ambiental. A peça, que converge arte, consciência ambiental e inclusão, está em cartaz no Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro, acompanhada de exposição de pinturas do artista visual Rafael Prado.

O trabalho é assinado pelo Grupo Teatral Moitará, fundado há 33 anos por Erika Retzl e Venício Fonseca, que se consolidou como referência na pesquisa da linguagem da máscara teatral no Brasil. Desta vez, a dramaturgia de Fidelys Fraga e Clara Anido — construída de forma colaborativa com a diretora e os atores — parte de inspiração livre no texto *Alumbramentos*, da escritora Nathercia Lacerda, para propor uma reflexão poética sobre a relação entre seres humanos e natureza. A estrutura é deliberadamente fragmentada e não-linear: surgem pistas de como o crescimento industrial corrói a identidade local, enquanto personagens como Alfandegário, funcionário disposto a tudo para ascender, entram em confronto com João, curandeiro que tenta preservar os laços comunitários.

A encenação mistura diferentes tempos e cria uma cronologia que se dobra sobre si mesma, evocando saberes das culturas tradicionais e os efeitos da exploração ambiental. Os atores Joyce Araújo e Gustavo Vieira — ambos integrantes do Núcleo de Pesquisa da Linguagem da Máscara Teatral do Grupo Moitará — contracenam com dois intérpretes, Ricardo Boaretto e Jhonatas Narciso, um surdo e outro ouvinte. Juntos, eles



Joyce Araújo, Gustavo Vieira, Jhonatas Narciso e Ricardo Boaretto em ‘Alumbramentos’

utilizam tanto a Libras quanto o Visual Vernacular (VV), uma linguagem performática criada pela cultura surda. Boaretto e Narciso também atuaram como consultores durante a pesquisa dramaturgica, assegurando que tanto o público surdo quanto ouvinte usufruem de um espetáculo profundamente imagético, onde a acessibilidade não é apêndice, mas parte integral da criação.

A relação entre Retzl e artistas surdos vem de longa data. Desde 2010, ela coordena o Ponto de Cultura Palavras Visíveis, programa bilíngue (Libras e português) que integra experiências teatrais entre surdos e ouvintes, capacitando artistas surdos e desenvolvendo o Visual Vernacular como linguagem artística. Esse traba-

lho contínuo de quase duas décadas reflete-se em *Alumbramentos*, onde a inclusão não é gesto de benevolência, mas resultado de pesquisa profunda e colaboração igualitária. A equipe técnica inclui Caio Padilha na direção musical, Carlos Alberto Nunes em cenografia e figurino, e Djalma Amaral na criação de luz. A temporada prevê ainda uma roda de conversa gratuita intitulada “O visível e o invisível da construção dramaturgica” no sábado (30 de maio), após a sessão, com intérpretes de Libras.

A proposta se completa com a exposição de Rafael Prado, pintor natural de Rondônia que desenvolve sua obra a partir de referências do território amazônico e das encantarias regionais.

Quatro telas em óleo — três de grande formato e uma menor — ocupam o corredor de acesso ao teatro. Nelas, corpos se enfrentam e ocupam o mesmo espaço: uma mulher-felino com rosto humano, o encontro entre um felino e uma sucuri sob lua amarela, detalhes de olhares animais em meio à vegetação. Prado trabalha a relação direta entre humano, animal e paisagem como parte de um mesmo corpo. Uma de suas obras foi a base do cartaz e das artes do espetáculo. O conjunto dialoga com o universo da peça ao tratar da cosmologia que atravessa a narrativa — essas imagens colocam em circulação presenças que abrem um campo de percepção acompanhando o espectador até a sala.

SERVIÇO

ALUMBRAMENTOS

Teatro III – CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro) Até 31/5, sextas e sábados (19h) e domingos (18h30) Ingressos: sextas e sábados: R\$ 30 e R\$ 15 (meia) | domingos: ingresso solidário em troca de 1kg de alimento não perecível (exclusivamente bilheteria física, a partir das 9h) Atividades complementares (gratuitas): — Exposição “Alumbramentos” de Rafael Prado (hall de entrada, durante toda a temporada) — Roda de conversa “O visível e o invisível da construção dramaturgica” (30 de maio, após a sessão)



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Ariete político dos mais espinhosos, “Fjord” (“Fiorde”, em tradução literal) conquistou a Palma de Ouro de Cannes, em 2026, momentos depois de abocanhar o Prêmio da Crítica, votado pela Fipresci, entidade conhecida como Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica, e o Prêmio do Júri Ecumênico. Seu diretor foi o responsável pela chamada Primavera Romena, a onda de produções idealizadas a partir de Bucareste, quase sempre em câmera digital, com ranço das corrupções estatais. Seu nome: Cristian Mungiu. Em 2007, ele recebeu de um júri presidido pelo inglês Stephen Frears a única Palma que sua pátria havia recebido até ali e fez uma leva de compatriotas filmar. Agora leva para seu país uma segunda dose do mimo mais cobiçado da Croisette, confiado a ele no sábado por uma esquadra de artistas presidida pelo cineasta sul-coreano Park Chan-wook (“OldBoy”).

Seu novo sucesso bate na intolerância religiosa, na cultura woke (pesadamente) e no ódio que a imigração gera. Sebastian Stan, o Soldado Invernal da Marvel, é seu protagonista, em duo com Renate Reinsve, a estrela de “Valor Sentimental” (que, com méritos, tirou o Oscar de “O Agente Secreto”). Ele vive um romeno radicado na Escandinávia e ela é sua companheira. Eles têm uma filha, mas podem perder a guarda das crianças depois que se espalha um boato (falso) de que eles agridem sua prole. Uma guerra judicial se forma e a xenofonia vem à tona.

“Eu trabalho com a mesma equipe, quase sempre, e fui parar na Noruega, onde há uma luz natural incrível, com meu diretor de fotografia, Tudo Vladimir Panduru, com quem tenho uma dinâmica de confiança, e de poucas palavras, na construção de uma coreografia de planos longos. Neles eu exploro como o mundo normatiza exclusões, em parte porque parece ser mais fácil agirmos como se fôssemos mais uma porção de gado num rebanho”, respondeu Mungiu ao Correio da Manhã, na coletiva de “Fjord” em Cannes.

A partir de agora, Mungiu se junta a um seleto time de realizadores com duas Palmas. São onze ao todo. Ao lado dele estão: Ruben Östlund (por “The Square”



O casal vivido por Renate Reinsve e Sebastian Stan corre o risco de perder a guarda de suas crianças numa Noruega assolada por hipocrisias em Fjord, do romeno Cristian Mungiu

Primavera (e Palma dourada) para ‘Fjord’

Cristian Mungiu, da Romênia, ganha pela segunda vez o troféu de maior importância de Cannes atacando a intolerância

OS PREMIADOS

PALMA DE OURO: “Fjord”, de Cristian Mungiu (Romênia)
GRANDE PRÊMIO DO JÚRI: “Minotaur”, de Andrey Zvyagintsev
PRÊMIO DO JÚRI: “The Dreamed Adventure”, de Valeska Grisebach
DIREÇÃO: Javier Calvo e Javier Ambrossi, por “La Bola Negra” e Pawel Pawlikowski, por “A Terra do Meu Pai”
ROTEIRO: “Notre Salut”, de Emmanuel Marre
ATRIZ: Tao Okamoto e Virginie Efira, por “Soudain”
ATOR: Emmanuel Macchia e Valentin Campagne, por “Coward”
CAMÉRA D’OR (melhor filme de estreado): “Ben’Imana”, de Marie Clémentine Dusabejamba (Rwanda)
PALMA DE CURTA-METRAGEM: “Para Los Contrincantes”, de Federico Luis (Argentina)
DOCUMENTÁRIO: “Rehearsals for a Revolution”, de Pegah Ahangarani (Irã/ República Tcheca/ Espanha)
QUEER PALM (Láurea queer): “Teenage Sex and Death at Camp Miasma”, de Jane Schoenbrun (EUA)
PRÊMIO DO JÚRI ECUMÊNICO: “Fjord”
PRÊMIO DA CRÍTICA (FIPRESCI): “Fjord”

Barbra Streisand com a terceira Palma Honorária de 2026, que, ao longo dos últimos dez dias, foi confiada também a John Travolta e a Peter Jackson.

Park & cia. abriram suas atribuições anunciado o prêmio de Interpretação masculina, que foi dada à dupla Emmanuel Macchia e Valentin Campagne, por “Coward”. Eles vivem soldados das trincheiras da I Guerra que se apaixonam enquanto encenam pequenos espetáculos de teatro para levantar o ânimo das tropas. Não demorou a sair a ganhadora do troféu de Atuação Feminina: ganharam Tao Okamoto e Virginie Efira, por “Soudain”. O novo longa de Ryūsuke Hamaguchi acompanha a conexão entre a chefe de uma clínica de tratamentos paliativos e uma encenadora, no coração da Ásia.

“O que Hamaguchi consegue dizer sobre a sociedade e a intimidade é impressionante. A maneira como ele reúne uma equipe e cria uma espécie de mundo paralelo, próprio, é singular”, disse Virginie ao Correio, ciente de ser uma das intérpretes mais concorrida do continente europeu na atualidade.

Na escala de relevância das distinções de Cannes, o terceiro troféu mais cobiçado é o Prêmio do Júri, foi parar na Bulgária, por vias alemãs, com “The Dreamed

Adventure”, de Valeska Grisebach, que subverte as estratégias dos filmes de máfia ao falar de uma comunidade búlgara assolada pelo crime. “Narrativas de gênero são estruturadas sobre perdas, ganhos e duelos. Eu fujo dos duelos e foco na complexidade das pessoas”, disse Valeska ao Correio.

O delirante épico queer “La Bola Negra”, que passa em revista a História da Espanha, dos anos 1930 até 2017, garantiu a Javier Calvo e Javier Ambrossi o prêmio de Melhor Direção, ainda que merecesse BEM mais. Penélope Cruz e Glenn Close têm participações pequenas, mas possantes nessa costura de três dramas com homens torturados pela homofobia.

“Este filme se esforça para ser imenso ao dizer algo bem pequeno: aquilo que cada um de nós é”, disse Calvo em Cannes. Ao cravar qual foi o Melhor Roteiro do evento, Park e sua turma chamou Emmanuel Marre, que escreveu e dirigiu “Notre Salut”. É uma recriação da França ocupada durante o avanço de Hitler pela Europa, em 1940. Sua dramaturgia se desenha como um drama sobre estratégias de resistência.

Na sexta, Cannes foi apresentada à expressão poética coroada com a Palma Documental, o troféu L’Oeil d’Or: “Rehearsals for a Revolution”, de Pegah Ahangarani. Por meio de cinco retratos de seus entes queridos, todas figuras de resistência no Irã, Pegah traça o relato íntimo da sua vida, percorrendo 40 anos de conflitos em sua nação. Também foi conhecido o vencedor da Queer Palm, a láurea LGBTQIAP+: o thriller de terror americano “Teenage Sex and Death at Camp Miasma”, de Jane Schoenbrun, com Gillian Anderson (“Arquivo X”) sob a lâmina de um assassino e das patrulhas homofóbicas.

Mesmo sem cineastas de nossa pátria concorrendo na disputa principal, o audiovisual do Brasil mordiscou o chamado “palmares” (a premiação) de Cannes, em âmbitos paralelos. Lucas Acher ganhou a competição La Cinef, de curtas universitários, com “Laser-Gato”, de raízes paulistas. O chileno “La Perra”, que tinha Selton Mello no elenco e o produtor Rodrigo Teixeira na linha de frente, rendeu a Palm Dog à sua estrela canina, a cadelinha Yuri. Na seção Um Certain Regard, “Elefantes na Névoa”, trama do Nepal coproduzida por Tatiana Leite e Leonardo Mecchi, rendeu uma láurea à sua equipe de som, de SP, e ganhou o Prêmio do Júri de sua competição.

Com o término de Cannes, as atenções da indústria cinematográfica se voltam para o Festival de Locarno, na Suíça, que agendou suas atividades de 5 a 15 de agosto. É um dos pontos do circuito cinéfilo que aquecem as expectativas para o Oscar.

Cifras de dar orgulho aos Lumière

Marie Rouge/Unifrance



Daniela Elstner, diretora da Unifrance



Sete filmes franceses bateram a marca de 1 milhão de ingressos vendidos em seu território nacional, que encerra o Festival de Cannes com novos sucessos potenciais à vista

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Com estreia na França já agendada (e bastante esperada!) para 3 de junho, “La Bataille de Gaulle: L’Âge de Fer”, de Antonin Baudry, tornou-se um ímã de holofotes no 79. Festival de Cannes, com sua recriação realista das estratégias do general mais famoso daquele país para derrotar Hitler. Se a sua recepção em circuito for um décimo do que se viu de engajamento pop na Croisette, as cifras já bem altas do cinema francês, em 2026, vão ao Infinito e além. Sete produções (já ainda inéditas) da pátria presidida por Emmanuel Macron passaram a marca de 1 milhão de ingressos vendidos, o que faz delas blockbusters. O êxito n. 1 é a aventura “Marsupilami”, de Philippe Lacheau, com 6,1 milhões de pagantes na conta.

O segundo lugar do pódio, até aqui, é “Gourou”, de Yann Gozlan. Vendeu 2 milhões de bilhetes com a ajuda de Pierre Niney, um divo na Europa, no papel de um charlatão da autoajuda. O número 3 do panteão de faturamento de títulos franceses na França é “Juste Une Illusion”, feito pela dupla Éric Toledano e Olivier Nakache, a mesma do fenômeno “Intocáveis”, de 2011, visto por quase 20 milhões de pessoas em Paris e arredores.

De 12 a 23 deste mês, Cannes apresentou (e notabilizou) mais uma leva de longas com fôlego para fazer crescer (um bocado) a arrecadação audiovisual de sua nação. O próprio longa de abertura do evento, a comédia “La Vénus Électrique”, estreou com força, ao vender 320 mil tíquetes em seus fim de semana de arranque. Animações faladas na língua (editorial) de Astérix, como “Le Corset” e “Jim Queen”, exibidas em mostras paralelas, saem do balneário prontas para faturar fortunas. Da prata da casa que disputou a Palma, “L’Inconnue”, de Arthur Harari, deve levar multidões às salas, com o apoio de Léa Seydoux, uma estrela de fama mundial.

Quem trabalha feito formigui-nha para elevar a receita daquela nação - que foi o berço do cinema,



‘La bataille de Gaulle L’âge de Fer’ é uma das maiores apostas da França para 2026



A animação ‘Le Corset’ sai da Croisette com apetite de milhões

em 1895, com os Irmãos Louis e Auguste Lumière - é a instituição chamada Unifrance, um aparelho do Ministério da Cultura da França. Sua diretora atual, Daniela Elstner, conversou com o Correio da Manhã na Croisette.

“A França teve muitos filmes selecionados este ano, refletindo a diversidade e a riqueza da nossa produção. Nós aqui acompanhamos

esses filmes em todas as frentes: em primeiro lugar, com o nosso terraço (num prédio no centro do balneário), um espaço disponibilizado às equipes dos filmes franceses para que possam se reunir com a imprensa internacional. Esse terraço também serve como local de intercâmbio e encontro”, diz Daniela. “Apresentamos ali a promoção do 10toWatch 2026, com entrevistas



‘Marsupilami’ é a maior bilheteira francesa de 2026 que vendeu cerca de 6 milhões de tíquetes em seu país

durante o dia e um jantar à noite, após uma subida conjunta das escadarias, para encontrar distribuidores e festivais de todo o mundo”.

Há duas décadas e meia, a Unifrance promove, todo ano, em janeiro, em solo parisiense, um fórum, o Rendez-vous Avec Le Cinéma Français, regado de celebridades e vozes autorais. É uma estratégia para mobilizar o planeta acerca do que o Velho Mundo põe em fricção em seus sets.

“Lançamos, em parceria com o Ministère de l’Europe et des Affaires étrangères (MEAE), um novo selo em 2025, o Demain En Vues, que destaca obras que refletem questões sobre o nosso mundo e

a nossa sociedade do futuro - incluindo longas e curtas-metragens, séries, ficção, animação e documentários - de artistas com menos de 35 anos. Trabalhamos com um júri multidisciplinar - composto exclusivamente por jurados com menos de 35 anos”, diz Daniela. “Lançaremos no final de novembro o Series Express, em Bruxelas e em Amsterdã, com quatro séries, das quais exibiremos dois episódios na presença do elenco e da equipe”.

Esta semana, dois longas franceses estreiam no Rio: “Chopin, Uma Sonata Em Paris”, com Lambert Wilson, e “Fora de Controle”, com Omar Sy.

Pathé Malgosia Abramowska

Divulgação

Divulgação

LINHAS DE FUGA

por ALDO TAVARES



Arquivo da República

Um relatório apontou novos rumos para o fim de Juscelino

A morte de JK

A CADA 30 DIAS, SIRVO-ME DESTA COLUNA para, na última semana do mês, deixar uma reflexão despreocupada sobre a ideia que se movimenta entre os extremos, estando, portanto, no “meio”, na “fronteira”, no “limiar”, enfim, a ideia do “entre” signos opostos.

NO ÚLTIMO 9 DE MAIO, A IMPRENSA PUBLICOU uma versão da morte do ex-presidente Juscelino Kubistchek: o perito contratado pelo MPF contestou análises anteriores e rejeitou a hipótese de que o acidente tenha sido provocado por uma colisão entre o Chevrolet Opala de JK e um ônibus antes de o veículo se chocar contra uma carreta.

JK MORRE EM 22 DE AGOSTO DE 1973 por causa de um acidente na Rodovia Presidente Dutra, em Resende, Rio de Janeiro. Sabe-se que pessoas contra a ditadura eram mortas quando dirigiam seus veículos em estradas, ficando a imagem de um “típico acidente de trânsito”.

ESSE “TÍPICO ACIDENTE” OCORREU COM ZUZU ANGEL em 14 de abril de 1976, quando seu veículo foi empurrado contra a proteção de um viaduto na saída do hoje Túnel Zuzu Angel, caindo de um barranco na Autoestrada Lagoa-Barra.

ASSASSINAR DE FORMA A PERMANECER

a imagem de que não houve assassino. Ora, sob a ditadura, podia-se muito bem seguir o inimigo, capturar, matá-lo num lugar ermo e deixar o corpo onde os tiros foram dados. Mas não. A ditadura executou Zuzu num teatro, ou seja, “o-que-é-não-é”.

DEFENDE-SE QUE JK MORREU no mesmo teatro, cuja peça chamou-se “Típico Acidente de Trânsito”, onde o corpo do protagonista, assassinado, é deixado “entre” signos contrários: “o-que-é-e-o-que-não-é”, em outros termos, “foram-militares-e-não-foram-militares”. O “entre” é esse espaço de exceção em que a identidade do assassino de JK está suspensa há quase 50 anos.

MATA-SE SEM SABER QUEM FOI; mas, sem ser verdade, divulga-se quem foi. O filme “O Agente Secreto” projeta imagens de uma Recife que mata e, o que é pior, quem mata é sempre o outro, um anônimo, divulgado por uma imprensa que acredita saber quem é. Não sabe. A verdade, porém, é o que está propagado pelo jornal, pela TV e pela rádio sobre a morte do professor Armando.

QUANDO DIGO QUE JK FOI JOGADO ao teatro, afirmo que a ditadura cívico-militar se manteve no poder por meio do simulacro, diga-se, a identidade é apenas simulado, isto é, aquilo que “não-é” passa a “ser”. Em Simulacros e simulação (p. 7), Baudrillard escreve: “o simulacro nunca é o que oculta a verdade — é a verdade que oculta que não existe. O simulacro é verdadeiro”.

Ora, a simulação é a potência do “entre” - paradoxo.

O filme ‘O Agente Secreto’ projeta imagens de uma Recife que mata e, o que é pior, quem mata é sempre o outro, um anônimo

Crônicas sobre alcoolismo e reconstrução

‘Garrafas ao Mar’, de João Paulo Arruda, é o diário manuscrito de um repórter em luta contra a dependência

AFFONSO NUNES

Quando a rotina de um jornalista é interrompida pelo tremor das mãos e pelo vômito seco todas as manhãs, algo precisa mudar. Para João Paulo Arruda, essa mudança veio tarde demais para evitar a queda, mas a tempo de permitir a reconstrução. Seu livro, “Garrafas ao mar – Diário de um repórter internado para tratamento de alcoolismo” (Ed. Máquina de Livros), que será lançado nesta quinta-feira (28), a partir das 19h, na Livraria Travessa Ipanema, é o relato visceral de 110 dias internado em uma clínica carioca, escrito inteiramente à mão, em tempo real, enquanto os fatos se desenrolavam.

Discussões sobre saúde mental e dependência química ganham espaço na sociedade e “Garrafas ao mar” é o registro de alguém que precisou perder completamente o chão para reaprender a caminhar — e que preservou, mesmo no fundo do abismo, o olhar aguçado de quem passou décadas observando histórias alheias.

Arruda trabalhou em importantes redações cariocas ao longo de sua carreira. Aos 48 anos, no início de 2024, finalmente admitiu que precisava de ajuda. Andava cambaleante, sofria crises de sonambulismo e tinha apagões em casa ou na rua. Internava-se, mas enxergava o tratamento apenas como uma etapa a ser cumprida, não como uma necessidade real. Recaiu. Seu desempenho profissional piorou. Depois de mais de duas décadas no mesmo jornal, foi demitido.

“Mergulhei na depressão e na autopiedade. Fiquei um mês deitado na rede da sacada, bebendo desesperadamente. A essa altura, eu já era conhecido como o bêbado do bairro”, relembra. Foi um amigo e sua namorada quem o levaram, pela segunda vez, a uma clínica — mas



Divulgação

João Paulo Arruda se expõe, sem autopiedade, em relato sobre sua dependência e o dia-a-dia do tratamento de reabilitação em ‘Garrafas ao Mar’



Divulgação

desta vez com uma diferença crucial: ele finalmente reconhecia estar doente e que a morte era iminente. Começava ali uma jornada transformadora.

Durante os 110 dias de internação, Arruda não tinha acesso a computador — uma das regras da clínica. Então escreveu tudo à mão. Preservou seu olhar de repórter mesmo na condição de paciente. Nas páginas de “Garrafas ao mar”,

descreve em detalhes sua rotina diária, narra histórias suas e de outros internos — alguns dependentes de álcool e drogas, outros que buscavam se libertar do vício em sexo e em jogos, um contingente que vem se multiplicando nos últimos anos. Não há autocompaixão nas crônicas. Há clareza. “Não escrevi os textos imaginando que publicaria um livro. Foi como se eu estivesse jogando garrafas ao mar, uma forma de reconexão comigo mesmo”, compara.

O segundo livro de Arruda — ele é também autor de uma obra anterior sobre conflitos — chega em um contexto em que muitas famílias enfrentam situações semelhantes. Pode servir como espelho para quem está no meio da tempestade ou para quem observa alguém querendo se afogando. Não oferece soluções fáceis. Oferece honestidade.

Desde setembro de 2025, Arruda está “limpo” e retomou sua carreira de jornalista. Continua sendo alcoólatra — como ele mesmo afirma com clareza: “Tenho consciência de que serei alcoólatra para o resto da vida. A doença é tão terrível que, mesmo estando bem, às vezes confundo paz com pasma-ceira”. Mas agora escreve sobre essa condição de um lugar diferente: o da recuperação, não o do desespero.

CRÍTICA | RESTAURANTE | BENTO PIZZERIAPOR **AFFONSO NUNES**Um (concorrido) cantinho de
Nápoles na Tijuca

Há quem diga que Nápoles, a cidade do vulcão Vesúvio (e das pizzas) é um estado de espírito. Na Praça Afonso Pena, na Tijuca, esse estado ganhou endereço: a Bento Pizzeria, dona do 11º lugar no ranking 50 Top Pizza 2026 América Latina — uma subida expressiva em relação ao ano anterior. Quem comanda a cozinha é Pierluigi Russo, pizzaiolo italiano certificado pela Associazione Verace Pizza Napoletana (AVPN), a organização mundial que zela pela autenticidade da tradição napolitana.

A pizza não nasceu em Nápoles, mas se tornou napolitana. Pães achatados com coberturas existem desde a antiguidade, mas a pizza que conhecemos hoje vem do século XVIII, com a chegada do tomate das Américas, a pobreza da população que precisava de comida barata e a presença de fornos públicos na cidade. No início, era comida de rua. A virada acontece no século XIX, quando a pizza sai das ruas e entra nas casas mais ricas. É nesse período que

surgem os clássicos: a Margherita (tomate, mozzarella, manjeriçã) — eria sido criada em 1889 para homenagear a rainha Margherita de Saboia. A pizza napoletana segue protocolos rigorosos codificados pela AVPN: massa com farinha tipo 00, fermentação longa de 24 a 72 horas, forno a lenha entre 430-480°C, cozimento de 60 a 90 segundos. O resultado é massa leve, borda levemente queimada, com pequenas bolhas, e ingredinetes como o tomate San Marzano (cultivado próximo ao Vesúvio), mozzarella di bufala, azeite extra virgem, sal e manjeriçã fresco.

A Bento oferece clássicos inegociáveis: a Margherita La Verace e as montanara, mini pizzas fritas. A Montanara a Modo Mio (R\$ 32) vem com coração de burrata, presunto royal e manjeriçã. O Calzone Fritto Clássico (R\$ 36) complementa a oferta de fritos — especialidade rara no Rio. A fritura em óleo quente cria massa levíssima, quase uma nuvem, completamente diferente da pizza assada. As pizzas individuais começam a partir de R\$ 49,



A seleção rigorosa de ingredientes e obediência aos protocolos da AVPN fazem da Bento uma pizzeria de excelência

todas com farinha 00 Caputo e fermentação longa. Vinhos italianos saem a partir de R\$ 30 a taça. Sodas italianas especiais (R\$ 14 a R\$ 17) oferecem alternativas não alcólicas numa arta de drinks que inclui clássicos como Moscow Mule (R\$ 29) e criações exclusivas como Amarena Spritz (R\$ 35).

Pierluigi Russo cuida pessoalmente de cada aspecto: da fermentação da massa ao azeite utilizado. A pizzeria funciona em formato de delivery e atendimento presencial na acanhada loja da Praça Afonso Pena, que abre diariamente a partir das 18h. Logo de cara, as mesas são rapidamente ocupadas. A fila que se forma do lado de fora faz com que grupos façam seus pedidos para comer na calçada. No início, a frequência era essencialmente tijuicana. Hoje, gente de toda a cidade procura conhecer a melhor pizzeria do Rio.

SERVICO**BENTO PIZZERIA**

Rua Afonso Pena, 71 — Praça Afonso Pena, Tijuca
Diariamente a partir das 18h

NOTÍCIAS DA COZINHAPOR **NATASHA SOBRINHO****Nova padaria**

A padaria artesanal Badó, comandada por Igor de Oliveira, ex-Absurda e Brava, acaba de abrir as portas entre a Glória e a Lapa. A casa aposta em fornadas diárias de brioques, baguetes, croissants e doces artesanais, além de combos de café da manhã preparados com ingredientes frescos. O espaço também funciona como empório, reunindo produtos de pequenos produtores, como geleias e cafés especiais. Com clima acolhedor e proposta afetiva, a Badó reforça o movimento de valorização da panificação artesanal na região central do Rio.

**Encontro carioca**

O Zalaiê chega em Copacabana trazendo uma proposta descontraída, tropical e cheia de alma carioca. Idealizado pelos empresários Pedro Góes e Paulo Góes, os mesmos nomes à frente do Pendê, o novo restaurante aposta em encontros sem pressa, boa comida e uma atmosfera acolhedora. Entre os destaques estão o Zala Burger com barbecue de goiabada, a gyoza tropical, o escondidinho de carne seca e a mousse de chocolate com azeite e flor de sal. Os drinks seguem esse espírito irreverente, com receitas como o Zala Mule, com espuma de açai.

**Cardápio renovado**

O Signatures, restaurante escola da Le Cordon Bleu no Rio, acaba de atualizar seu menu sob a liderança dos chefs Yann Kamps, Philippe Brye e Mbark Guerfi. A nova seleção destaca o equilíbrio entre o mar, a terra e opções vegetais, com pratos que reforçam o selo de excelência da escola. Nas entradas, o destaque é o Oeuf Fermier, ovo perfeito com cogumelos trufados. Entre os principais, Magret de pato com molho de frutas vermelhas, fagottini de pera e capuaçu, mousseline de beterraba assada e o Cappelletti de Boursin e Alho Negro.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Meia década; que mundo queremos?

Daqui a cinquenta anos, talvez Copacabana exista apenas na memória úmida das fotografias antigas. Não desaparecida por completo — cidades raramente somem de uma vez —, mas transformada em outra coisa, uma espécie de Atlântida tropical onde o mar terá decidido recuperar o que sempre foi seu.

Imagino um velho calçadão submerso, as ondas quebrando onde antes turistas disputavam espaço para toalhas e vendedores de mate anunciavam, quase cantando, sua mercadoria gelada sob o sol de janeiro. O desenho de Burle Marx ainda estará lá, invisível sob a água salgada, como uma tatuagem afogada na pele da cidade.

O Rio de Janeiro, daqui a meio século, talvez seja uma cidade anfíbia. Não por modernidade futurista dessas inventadas em filmes de ficção científica, mas por necessidade. O mar, cansado de respeitar limites urbanos, avançará lentamente sobre a areia, depois sobre a avenida, depois sobre os pilotis dos edifícios que hoje parecem eternos.

Em Ipanema, os apartamentos de frente para o mar deixarão de ser símbolo de status para virar relíquias melancólicas de um tempo arrogante em que se acreditava que o concreto venceria a natureza. Alguns prédios estarão vazios, abandonados como navios encalhados. Outros terão muros transparentes, bombas hidráulicas, comportas modernas tentando conter o inevitável. Mas o oceano é paciente. Ele trabalha em silêncio e pensa em séculos.

O Leblon talvez resista um pouco mais, agarrado à falsa segurança dos bairros ricos, como se dinheiro pudesse negociar com a maré. Não poderá.

As ressacas serão mais violentas. O verão, mais longo e cruel. As árvores antigas da orla terão desaparecido uma a uma, vencidas pelo sal e pelo calor excessivo. E ainda assim, como sempre fez, o carioca tentará adaptar beleza ao desastre. Haverá bares flutuantes. Ciclovias elevadas. Gente correndo sobre passarelas suspensas enquanto drones registram pores do sol alaranjados demais para serem naturais.

O Rio possui essa estranha capacidade de transformar tragédia em paisagem.

Mas talvez o mais impressionante seja perceber que os avisos já existem hoje, discretos, diante dos nossos olhos distraídos. Estão nas marés cada vez mais altas, nas enchentes repentinas, no calor que parece incendiar o asfalto antes mesmo do meio-dia. A cidade já ensaia seu futuro sem que a maioria perceba.

Daqui a cinquenta anos, crianças ouvirão histórias sobre como as pessoas jogavam futebol na areia de Copacabana como quem escuta lendas improváveis. Velhos mostrarão fotografias desbotadas de domingos ensolarados no Posto 9, enquanto netos perguntarão, incrédulos, se realmente existia tanta faixa de areia assim.

Talvez existam museus dedicados ao “Rio Submerso” aos “Escafandristas”. Salas climatizadas exibirão cadeiras de praia, pranchas antigas, quiosques reconstruídos artificialmente, como arqueologia de um paraíso perdido. E algum cronista do futuro escreverá, com melancolia inevitável, que houve um tempo em que o mar era apenas paisagem — não ameaça.

Ainda assim, suspeito que o Rio sobreviverá.

Porque cidades não vivem apenas de geografia. Vivem de memória, linguagem, música, obsessões coletivas. O espírito carioca talvez migre para bairros mais altos, talvez reinventem praias artificiais na Zona Norte, talvez a vida encontre outro equilíbrio improvável entre morros e água. O carioca continuará procurando sombra, cerveja gelada e alguma beleza possível mesmo diante da catástrofe.

Há algo de profundamente humano nisso: a insistência em continuar.

No fim, talvez o futuro do Rio seja justamente este — uma cidade aprendendo, tarde demais, que a natureza não faz acordos permanentes. O mar nunca pertenceu às fotografias dos cartões-postais. Nós é que, por algumas décadas, tivemos a ilusão de morar perto dele sem dever nada em troca.

E o oceano, como os fantasmas antigos, sempre encontra um jeito de voltar.

